



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

### **HOMILIA**

Ref. HML\_17/2017

Homilia na Solenidade do Nascimento  
de S. João Baptista

Braga, Largo S. João da Ponte, 24.Jun.2017, 11h

### ***Abri a boca para falar***

Estamos a viver, na Arquidiocese de Braga, um ano da Fé Contemplada. Queremos uma fé mais personalizada e consciente. Não nos contentamos, por isso, com o itinerário tradicional da celebração e acção. Consideramos prioritária a capacidade de fazer silêncio para interiorizar razões e motivações que concedam outro entusiasmo e dinamismo. Para interiorizar e contemplar com sinceridade, é necessária a coragem de reservar tempo para ouvir outras vozes e razões que chegam até nós vindas de mais longe.

Pensando na necessidade do silêncio para entender as razões da fé, celebramos a Solenidade do Nascimento de João Baptista. É o único santo de quem celebramos duas datas. Hoje o nascimento e no dia 29 Agosto a sua morte.

Pensar no nascimento significa reconhecer que se vem a este mundo para uma missão. Não vivemos para crescer sem sentido nem rumo. Temos uma meta traçada e somos felizes quando correspondemos a todas as questões que essa missão nos vai colocando ao longo da vida.

O nascimento de João, em idade avançada da sua mãe, leva-nos a pensar na natalidade. A História do nascimento de São João Baptista é conhecida. Zacarias, seu pai, não acolheu a mensagem de Deus e, como consequência, ficou mudo durante os nove meses da gravidez. Quando João nasceu e era necessário dar-lhe um nome, Zacarias recuperou a fala para cantar o hino de agradecimento e assumir o destino que o seu filho desempenharia: ser profeta do Altíssimo. Abriu-se a boca, soltou-se a língua e começou a falar. É um momento novo na sua vida que parte do encargo que Deus lhe confiou de continuar o seu serviço sacerdotal no templo.

É bom recordar o que a Sagrada Escritura nos repete com insistência, sublinhando uma missão que Deus confia a todos. O Antigo Testamento recorda: “O Senhor chamou-me desde o ventre materno, disse o meu nome desde o seio da minha mãe” para fazer “da minha boca uma espada afiada” e tornar-me “semelhante a uma seta aguda” (Cf. Is 49, 1-6).

Com esta consciência, sabemos que “ser servo de Deus é para restaurar as tribos de Jacob e reconduzir os sobreviventes fora”. Vivemos no mundo com uma missão a desempenhar também por meio da palavra e do silêncio das obras. Perante a sociedade que nos rodeia, onde correm notícias alheias ao espírito cristão, teremos de reconhecer que a Palavra deve voltar à boca dos cristãos. Alguns impõem as suas ideologias e critérios de vida. Os cristãos assistem passivamente e deixam que



a sociedade se desenvolva sem alma nem sentido.

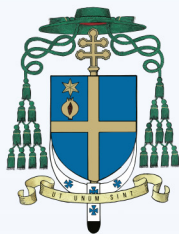
João Baptista dá o exemplo. Herodíades pensava que seria capaz de calar para sempre aquele que expressava a voz da Verdade e da consciência humana. Quis silenciar João Baptista porque ele falou e não se calou. O seu martírio suscitou, naquele tempo, horror mas aumentou a fama de João, tornando-o conhecido dentro da comunidade cristã, bem como no mundo pagão. Flávio José, um escritor pagão, dizia que ele era um “homem bom que levava os judeus ao exercício das virtudes”. Poderia contemporizar ou até deixar correr sem erguer a sua voz para proclamar a verdade e denunciar os erros daquela época. Nada o detinha! Só se apaixonava pela verdade.

Era este exemplo que gostaria de deixar, este ano, na festa de São João. Zacarias perdeu a voz mas recuperou-a para falar da verdade no templo. João não se intimidou e proclamou a doutrina, correndo risco de vida. Dois exemplos a alertar a Igreja de hoje para a necessidade de perder o medo de vir para a praça pública. A sociedade vai evoluindo em muitos aspectos positivos mas ninguém ignora como as ideias contra a nossa cultura e um verdadeiro humanismo se impõem e crescem. Há uma estratégia com objectivos bem delineados e sempre apoiados por grupos de pequenas dimensões que não desistem e vão impondo os seus critérios e modos de edificar a sociedade.

Respeito pessoalmente a liberdade e não condeno quem tem projectos e luta por eles. Só que me impressiona a passividade e a inércia da multidão que murmura em silêncio mas não ousa levantar a voz. É necessário soltar a língua dos católicos para que falem, escrevam e se sirvam dos meios de comunicação social. Com frequência pede-se aos bispos que intervenham. É o seu papel e não sei se, de facto, estamos a ser a voz crítica que as circunstâncias exigem. Só que a Igreja não é apenas os bispos. Há muitos cristãos que deveriam falar no âmbito restrito dos círculos de amigos mas também procurar as praças públicas da comunicação social que, talvez com um espírito temerário, não deixarão de dar espaço e oportunidade. Muitas leis vão passando porque não se exercita uma cidadania activa e interventiva. Iremos lamentar-nos mais tarde e os nossos herdeiros condenarão a nossa reduzida consciência de missão. Entremos, por isso, nos espaços da palavra e esqueçamos o silêncio. A História de Portugal testemunhou sempre a coragem de homens que se uniram para alterar o rumo das coisas. Importa acordar e despertar para esta responsabilidade.

Algumas pessoas poderão até considerar que os resultados não são visíveis. A leitura de hoje responde-nos dizendo: “Cansei-me inutilmente, em vão e por nada gastei as minhas forças”. Este é um sentimento que poderá invadir-nos, mas reconheceremos que, na hora justa, a verdade germinará, desde que semeada no tempo oportuno. Se ela cair em terreno fértil, teremos a certeza de que “a nossa recompensa está em Deus” e que os frutos acontecerão. Teremos de ser “luz das nações para que a minha salvação chegue até aos confins da terra”. Este horizonte tem de nos acompanhar sempre e nunca a tranquilidade de estarmos parados sem nada fazer, mesmo que com uma vida pessoal justa e honesta. “Não basta que sejas meu servo”. É necessário ultrapassar o medo e lutar pela justiça e verdade para que a sociedade portuguesa não se perca em questões que interessam a poucos.

Gosto da figura de São João Baptista. Foi um precursor porque ensinou e baptizou. Mas a grandiosidade da sua vida residiu em não ter medo de se confrontar com os comportamentos imorais e de erguer a voz contra eles. Custou-lhe caro. Mas a sua vida passou para além dele mesmo. Poderia



ter sido um profeta como tantos outros que existiam na época. A coragem de falar e de mostrar a verdade das suas convicções ultrapassou-o e é por isso que estamos aqui hoje, não só para o recordar mas também para o imitar. Levemos para a vida esta coragem de falar em nome da Igreja a que pertencemos e mostremos a verdade, ainda que não seja fácil. Descubramos caminhos novos para estar na sociedade, talvez na vida política, mas ousemos ser o que a fé nos exige: testemunhas com o silêncio da vida e apóstolos que se fazem ouvir, a propósito e a despropósito, em todas as ocasiões e momentos.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*